

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
CAPÍTULO 2	7
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
CAPÍTULO 3	18
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
CAPÍTULO 4	28
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
CAPÍTULO 5	38
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
CAPÍTULO 6	47
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
CAPÍTULO 7	62
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

CAPÍTULO 8	74
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9201926048	
CAPÍTULO 9	85
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9201926049	
CAPÍTULO 10	90
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
DOI 10.22533/at.ed.92019260410	
CAPÍTULO 11	104
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.92019260411	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260412	
CAPÍTULO 13	123
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.92019260413	
CAPÍTULO 14	129
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260414	

CAPÍTULO 15	141
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
Wellisson de Oliveira Camilo Jr	
DOI 10.22533/at.ed.92019260415	
CAPÍTULO 16	152
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Vanessa Elias	
DOI 10.22533/at.ed.92019260416	
CAPÍTULO 17	166
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
Martina Gonçalves Burch Costa	
Giovanni Felipe Ernst Frizzo	
DOI 10.22533/at.ed.92019260417	
CAPÍTULO 18	173
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Lilian Silva de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.92019260418	
CAPÍTULO 19	190
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
Giácomo de Carli da Silva	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260419	
CAPÍTULO 20	197
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
Fernanda Dias Coelho	
Ludmila Mourão	
DOI 10.22533/at.ed.92019260420	
CAPÍTULO 21	210
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
Andressa Regina Bissolotti dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92019260421	
CAPÍTULO 22	225
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
Maria Cecilia Takayama Koerich	
DOI 10.22533/at.ed.92019260422	

CAPÍTULO 23	231
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
CAPÍTULO 24	242
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho	
Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
CAPÍTULO 25	258
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Breanda Karolainy Penha Siqueira	
Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
CAPÍTULO 26	270
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel	
Nádia Laguárdia de Lima	
Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
CAPÍTULO 27	286
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco	
Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
CAPÍTULO 28	298
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa	
Walquirene Nunes Sales	
Driene N. Silva Sampaio	
Amanda C. Ribeiro Costa	
Gláucia C. Silva-Oliveira	
Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
CAPÍTULO 29	310
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges	
Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	

CAPÍTULO 30 317

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.92019260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 333

QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO

Aline Luiza de Carvalho

Doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Márcia Stengel

Profa. Dra. do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RESUMO: Falar de sexualidade não é uma tarefa tão simples quanto se imagina. Discutir as consequências de uma sexualidade consequente de experiências incestuosas torna o assunto ainda mais complicado de discorrer. No entanto, essa é a proposta deste trabalho quanto, no período de pesquisa para mestrado, pode-se entrevistar cinco adolescentes sobre as suas experiências afetivo-sexuais atuais. Com aproximações entre a teoria e as descrições das perspectivas das entrevistadas, esta pesquisa apresentou como resultado a confirmação nos seus relatos de dificuldades na evolução psicosexual por meios de falas confusas sobre as relações sociais e afetivas atuais, assim como a presença de comportamentos evitativos, o receio de exporem suas opiniões, assim como perspectivas ambíguas sobre relações amorosas. Assim, pode-se considerar que a vivência concreta da sexualidade via relação incestuosa na infância dessas garotas, influenciou na criação de percepções distorcidas

sobre si e sobre sua concepção de parceria, desvios negativos e soluções disfuncionais para lidar com o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Incesto, Adolescência, sexualidade, relações amorosas.

ABSTRACT: Talking about sexuality is not as simple a task as you might imagine. Discussing the consequences of a sexuality resulting from incestuous experiences makes the subject even more complicated to discuss. However, this is the proposal since work, in the period of research for masters, it is possible to interview five adolescents about their current affective-sexual experiences. With approximations between the theory and the descriptions of the perspectives of the interviewees, this research resulted in the confirmation in their reports of difficulties in the psychosexual evolution by means of confusing statements about the current social and affective relations, as well as the presence of avoidant behaviors, the fear of exposing their opinions, as well as ambiguous perspectives on love affairs. Thus, it can be considered that the concrete experience of sexuality through incestuous relationship in the infancy of these girls, influenced the creation of distorted perceptions about themselves and their conception of partnership, negative deviations and dysfunctional solutions to deal with the theme.

KEYWORDS: Incest, Adolescence, sexuality, relationships.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre a adolescência é considerá-la uma manifestação natural da vida do ser humano, envolvida em grandes mudanças, dúvidas, perturbações pessoais que desestabilizam mental e emocionalmente o sujeito em pleno processo de adutecer.

Para melhor caracterizá-la, pode-se situá-la, então, como o processo no qual se rompe com as demandas iniciais do desenvolvimento, seu aconchego, sensação de proteção e pouca responsabilidade, para o embrutecimento da vida adulta: seus objetivos, comportamentos sociais, relações ampliadas, vivências amorosas e sexuais e da necessidade de desprendimento de formas aprendidas no seio familiar à adaptação das requisições que a maturidade exige. Neste sentido, um dos aspectos mais intensos e de grandes dúvidas familiares, na escola ou mesmo em consultórios é sobre a sexualidade na adolescência.

Na realidade, a sexualidade humana é tema frequentemente estudado no campo das Ciências Humanas, principalmente visto as diversidades de interesses que operam sobre o tema. Na juventude, isso não se torna diferente por ser o momento em que comumente floresce o interesse pelas relações sociais e quando tende a se intensificar as relações afetivo-sexuais e amorosas. A sexualidade, assim, é muito discutida neste momento e é de grande valia na compreensão e orientação a familiares e profissionais que cercam os jovens. Mas o que literatura fala sobre a sexualidade de adolescentes que foram vítimas de incesto?

Muito se estuda sobre este tipo de envolvimento e as repercussões que provocam a crianças e adolescentes. Na maioria dos casos de incesto, principalmente nos que ocorrem contato com a sexualidade, as vítimas, como definiremos as pessoas ofendidas sexualmente, contatam a sexualidade precocemente, sem acesso aos significados entre o pessoal (particular) e o interpessoal (público) de ações ou atividades íntimas. Nos casos mais graves, quando há o contato físico, elas vivenciam, mesmo que em seu lar e com o conhecimento de próximos, a concretude do imaginário inconsciente.

As adolescentes que viveram o incesto e as quais dediquei acolhimento e pesquisa de mestrado, participaram de relações afetivo-sexuais de uma outra ordem de desejos e fantasias - seus e do agressor - que ultrapassam a compreensão de si e do outro, da interpretação que se dá a este momento e de suas repercussões no seio familiar.

A subjetividade afetada após a vivência incestuosa, em muitos casos, deixa transparecer dificuldades de uma interpretação clara do ocorrido anteriormente, deixa dúvidas a respeito das responsabilidades, desejos, fantasias e prazer, desvirtuando as motivações de relações amorosas e íntimas. Portanto, trazer para o ambiente acadêmico reflexões sobre temas importantes como o adolescer,

sexualidade, violência, mas principalmente consequências decorrente de traumas no desenvolvimento biopsicossocial e sexual, é de suma importância para compreender desvios e transtornos que dificultam o processo maturacional ou o bloqueiam por completo a possibilidade de mudanças.

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

Identifica-se diferentes modos de conceitualizar e delimitar a adolescência, que podem ser concebidos por enfoques variados, nos quais opera uma multiplicidade de fatores, características e elementos, uns com mais relevância que outros, mas todos transitando pela ênfase nas transformações físicas e biológicas, intelectuais e cognitivas, de identidade e de personalidade, sociais e culturais, morais e valorativas. Para alguns autores, a exemplo de León(2009), as principais concepções sobre adolescência podem sintetizar-se em três teorias: a teoria psicanalítica, a teoria sociológica e a teoria de Piaget.

A primeira concebe a adolescência como resultado de um processo do desenvolvimento observado na puberdade, o qual leva à modificação por meio de um desequilíbrio psíquico, produzindo com isso a vulnerabilidade da personalidade. Neste período ocorre o despertar da sexualidade e também a modificação dos laços de família de origem, o que podem resultar na desvinculação destes laços, com atitudes de oposição às normas, gerando novas relações sociais. A adolescência então, é vista pela psicanálise como período de busca de novos significados a concepções antes estabelecidas sócio e afetivamente, assim como a continuidade de do desenvolvimento psíquico, libidinal e psicosssexual

Na perspectiva teórica da sociologia, a adolescência é resultado de tensões e pressões que vêm do contexto social, fundamentalmente daquelas relacionadas com o processo de socialização que o sujeito realiza, com a aquisição de novos papéis sociais e atribuições para o bom desempenho desses papéis.

A teoria de Piaget tem como base as mudanças observadas no pensamento durante a adolescência, quando o sujeito tende à elaboração de planos de vida e as transformações afetivas e sociais estão unidas a mudanças no pensamento. Segundo esta perspectiva, a adolescência é resultado da interação entre fatores sociais e individuais.

Diante dessa difusa diferenciação conceitual, assim como a especificidade de cada caso, não é incomum observar aproximações ou mesmo superposição entre uma teoria e outra, mas que delimitam a superposição de fatores biológicos, sociais e de subjetivação. Assim, podemos aponta-la como um estágio de grandes transformações psicobiológicas e sociais, responsáveis pelo que podemos chamar de último grande impulso no processo do desenvolvimento.

No que se refere a maturidade psicosssexual do adolescente, é possível observar

o despertar sobre o tema quando as relações sociais são ampliadas e promovem a interação a outras realidades, valores, tradições e culturas que provocam uma revolução subjetiva e de comportamento com os novos subgrupos que se constroem. O desenvolvimento social do adolescente acontece então, medida que este internaliza a concepção da necessidade do convívio social mais intenso, com a finalidade de adotar e perpetuar esses valores. A maturação social, bem como o desenvolvimento mental e emocional ocorrem gradativamente no desenvolvimento do ser humano, sendo, dessa forma, acompanhados por uma ampla variedade de definições e reações culturais.

A família fornecerá subsídios primários importantes no processo de maturação e construção da identidade do sujeito. É nela que serão fornecidas base, modelos, formas de vinculação possíveis e que servirão como base referencial para futuros relacionamentos de trabalho, amizades, além das relações afetivo sexuais. Entretanto, somente com nas relações sociais o adolescente experimentará as antigas e novas formas de relação, estabelecendo vinculações variadas, transitórias ou não, para adaptações de hábitos, rotinas, valores e planos. Nesta complexa teia de mudanças e variadas interações, o indivíduo desvincula-se do grupo inicial e busca, em outros grupos, desenvolver suas capacidades, experimentar situações em que promovam a sua autonomia, assim como a experimentação de formas variadas de relacionamentos.

O adolescente busca em seu novo meio, encontrar pessoas as quais se identifiquem afetiva e idealmente a fim de construir vínculos que considerem próximos e seguros. As expectativas e idealizações observadas na formação e sustentação das amizades também acontecem nos relacionamentos amorosos. Buscam, inicialmente, a esta nova relação envolver-se com pessoas sem o compromisso de fidelidade e continuidade, o que definem como “ficar”, permitindo-se experimentar seus desejos, sedução e o sentimento de prazer instantâneo.

O ficar não faz necessária a aproximação anterior das pessoas, ele pode acontecer entre pessoas que não se conhecem, as quais não guardam afetos, histórias, mas serve como meio de aproximação caso seja interesse em envolver-se, assim como experimentar e vivenciar sua vida afetivo-sexual inicialmente.

Apesar de ser um tipo de relacionamento comum nos dias atuais, o “ficar” traz consigo conflitos para os jovens a respeito de sua sexualidade e relacionamentos amorosos: “Por um lado, há uma busca de liberdade, prazer, felicidade e, por outro, dilemas, freios, contradições insuperáveis.” (JUSTO, 2005, p.74). Para ele, o ficar caracteriza a falta de uma perspectiva futura, provocando com isso uma sensação de desamparo e insegurança, diferentemente de um compromisso sério, que assume os encargos domésticos e traz consigo a necessidade e as dificuldades da convivência diária.

Mesmo com as observação feita por Justo (2005), Stengel (2003) aponta que, apesar deste ser o relacionamento mais comum entre os mais novos, os jovens, com o tempo, vão procurando relacionamentos mais íntimos e duradouros, como o namoro, principalmente entre as meninas, que buscam comunicação, aproximação afetiva e

considerações sociais contemporâneas que influenciam significativamente em suas escolhas.

Ressalta-se que é neste período que se busca a satisfação sexual-genital por outro, mas para isso o adolescente precisa estar preparado para encarar seus medos, as alterações corporais, apropriando-se da condição da adultez. Para tal acontecimento é necessário reconhecer o próprio corpo e a importância de outra pessoa para essa satisfação.

Sem adentrar nas questões de gênero, que são diferenciadas por comportamentos específicos entre moças e rapazes, é importante considerar que a sexualidade é um ponto primordial na socialização do jovem, além de ser a consequência de interações comuns com pessoas diferenciadas e do aumento de interesse afetivo e íntimo desse convívio.

INCESTO

A importância de se pensar na família como grupo primário de formação do sujeito, assim como fonte inesgotável de possibilidades dinâmicas e relacionais é de relevância ímpar aos estudos. O sistema familiar promove em sua finalidade, as primeiras experiências de socialização e de formação de personalidade, ocupando com isso, um espaço significativo entre o indivíduo e a sociedade a qual ele pertence.

Considerando o seu significado, é pertinente refletir sobre as diferentes dinâmicas familiares e ponderar a constância de influências positivas a evolução e amadurecimento de seus entes, assim como a saúde mental de todos. Neste sentido, podemos considerá-la uma instituição sem problemas ou dificuldades? Obviamente, pela sua constituição diferenciada, não é possível o controle, paridade ou mesmo relações similares que provoquem a mesma repercussão na constituição do sujeito. São constituídos por formas diferenciadas de relação, com microssistemas que influenciam tanto na estrutura, quanto no seu desempenho e resultado.

As interferências culturais, políticas e religiosas são fatores preponderantes nas relações familiares. É por meio delas que se pode capturar o real sentido do seu desempenho. Seus relacionamentos, posturas, papéis, cuidados e segurança que os vínculos proporcionam aos seus integrantes.

Discorrer sobre violência doméstica, nada mais é que admitir a existência de formas disfuncionais de relacionamento, que impedem os seus integrantes, e a família como sistema maior, de cumprir suas funções conforme os objetivos que estão propostos socialmente. Entender sobre a violência sexual intrafamiliar, então, chega como uma oportunidade para descobrir as particularidades das relações incestuosas, de vínculos conturbados, escondidos, obscuros para algumas famílias e profissionais, e que refletem a intrusão não só do corpo, mas do psiquismo, da intimidade e das relações sociais das vítimas.

Então, que características devem-se considerar ao incesto? Como defini-lo? Diagnosticá-lo? Conceituar, assim como encontrar características e definições exatas, não é um encargo simples visto ser quase impossível ante as diversidades culturais existentes. A cultura, em si, irá estabelecer formas diferenciadas de opções possíveis ou inadmissíveis a cada espaço. Estas inscrições político-sociais, irão circunscrever as nações com costumes próprios que estruturam uma ordem social e que influenciam relações, principalmente as familiares.

Para Besson (1931), os grupos possuem um conjunto de regras que organiza as relações dos grupos, denominando-o como totem. Para ele, determinadas leis são advindas de um sistema, o qual define como “Sistema mágico-religioso e social” e é constituído por leis que regulam as relações entre membros do mesmo grupo, unidos fraternalmente por um vínculo sanguíneo, com as mesmas crenças, de forma a levar os mesmos nomes. Estas regras regularizam comportamentos e costumes sociais e afetivo-sexuais, definindo as possibilidades de uniões dos seus participantes.

A fim de assegurar a sua existência, o autor também utiliza as palavras de Durkheim para descrever a regência dos grupos por essas leis, bem como compreendê-la como algo milenar, complexa, forte e impessoal que age em cada espaço. Quer dizer com isso, que esta é uma força comum a vários grupos, independentemente do local e cultura, que organiza relações de todos os seres que dele fazem parte por parentesco totêmico. Neste sentido, normatizam relações com os seus próximos, permitindo que vivam em fraternidade, a fim de fortalecer laços e organizar a dinâmica social de cada grupo.

Neste sentido, pode-se apontar que as relações afetivo-sexuais observadas em diferentes sociedades e épocas, são formadas considerando essas regulações. A sua transgressão, por sua vez, é avaliada como falta social muito grave e que será refletida por meio de ação jurídica variada, que age desde a exposição a uma simples advertência, à prisão, ou pena de morte em outros países.

O Homem, em sua condição biológica e social, ao mesmo tempo, precisa administrar as excitações exteriores e interiores a fim de manter o equilíbrio entre demandas de sua natureza e à ordem coletiva por meio do respeito à sua cultura e condição. Para Lévi-Strauss (2009), essa indissociabilidade não permite compreendermos com exatidão em que momento começa o ser biológico e o ser cultural, entretanto, segundo o mesmo autor, pode-se considerar como lados intrínsecos: “tudo quanto é universal no homem depende da ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade, e que tudo quanto está ligado a uma norma pertence à cultura e apresenta atributos do relativo particular.” (p. 45).

Considerando estas observações, Lévi-Strauss (2009) sustenta a ideia de que a proibição do incesto se apresenta com estes dois aspectos reunidos:

Porque a proibição do incesto apresenta, sem menor equívoco e indissolúvelmente reunidos, os dois caracteres nos quais reconhecemos os atributos contraditórios de duas ordens exclusivas, isto é, constituem uma regra, mas uma regra que, única

entre todas as regras sociais, possui ao mesmo tempo caráter de universalidade. Não há praticamente necessidade de demonstrar que a proibição do incesto constitui uma regra. Bastará lembrar que a proibição do casamento entre parentes próximos pode ter um campo de aplicação variável, de acordo com o modo que cada grupo define o que entende por parente próximo (p.45).

Observa-se que Besson, Durkheim e Lévi-Strauss compartilham a existência e a importância das regras que dirigem as relações parentais e fraternais como sendo de ordem universal, existente nas diversas sociedades e que descrevem possibilidades culturais, regem relações, servindo como medidas protetoras de instintos e desejos. Mesmo não sendo descritos em nenhum código jurídico, ainda atualmente, o código totêmico se constitui como regra social, impedindo relações sexuais entre entes próximos e permitindo relações com pessoas de outros totens (grupos).

É verdade, pelo caráter da universalidade, a proibição do incesto toca a natureza, isto é, a biologia ou a psicologia, ou ainda uma e outra, mas não é menos certo que enquanto regra, constitui um fenômeno social e pertence ao universo das regras, isto é, da cultura, e, por conseguinte à sociologia que tem por objeto o estudo da cultura. (LÉVI-STRAUSS, 2009, p. 62)

Os vínculos afetivos só são possíveis com a convivência e a resposta diante das expectativas que se constroem sobre esse relacionamento. Neste sentido, quaisquer que sejam os relacionamentos amorosos e afetivo-sexuais que se estabeleçam entre as pessoas, estarão aprofundadas com a ampliação da intimidade, das expectativas e desejos pessoais, fantasias, assim como em princípios sociais maiores. Nesta perspectiva, o desrespeito às regras, constitui uma relação proibida e passível a reprovação.

No caso da relação incestuosa será considerada que a sua interdição não exprime somente as relações de parentesco reduzidas ou de convívio estreito, mas se estende a indivíduos que, de alguma forma, participam com alguma atividade do grupo, mesmo que esporádica, assumindo um papel dentro dele. Ou seja, vai além do vínculo biológico, mas está implicada às pessoas que desempenham uma função naquele grupo e que estão afetivamente ligadas aos seus participantes.

Dando foco a violência sexual infanto-juvenil, está relacionada ao envolvimento de crianças e adolescentes, que ainda cultivam dependência, em atividades sexuais com adulto ou qualquer pessoa um pouco mais velha ou que exerça uma forma de poder sobre a vítima utilizando formas diferenciadas de persuasão para a gratificação das necessidades ou desejos sexuais. Assim, o sujeito agredido não terá capacidade suficiente para dar seu consentimento ante ao desequilíbrio de poder. O agressor, com isso, utilizará de encontros sexuais ou comportamentos que abrangem aliciamento sexual, linguagem ou gestos sugestivos, pornografia, exibicionismo, voyeurismo, carícias, masturbação e penetração à vítima.

Azevedo e Guerra (1989) complementam entendendo que esta prática, como todo ato ou jogo sexual, heterossexual ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança/adolescente de até 18 anos, com finalidade de estimulação sexual

própria. Este tipo de ação pode oferecer formas variadas de arranjo, velados ou não, contemplando atividades com ou sem contato físico, como voyeurismo, além de demonstrações vídeos, dentre outros comportamentos obscenos.

A relação sexual incestuosa é considerada como relações entre pais e filhas(os), mães e filhos(as), relações entre irmãos, entre pessoas com consanguinidade de primeiro grau e/ou entre pessoas de segundo grau de parentesco. Porém, em resposta as mudanças sociais e a reorganização operacional familiar, hoje, deve-se considerar a participação efetiva e afetiva na dinâmica, além de ligações emocionais estabelecidas, os vínculos afetivos construídos e relações de confiança entre eles durante permanência diária. Neste sentido, fazem parte desse repertório padrastos e madrastas, avós, tios, primos, cunhados, envolvidos em um sistema vincular influente no desenvolvimento desse sujeito.

O ato violento pode ser interpretado como uma submissão ao outro, em que o agressor - o adulto - coloca a criança e/ou o adolescente na condição de objeto de satisfação de seus desejos, algumas vezes podendo este ser vivenciado como inerente à relação entre jovens e adultos, ou a uma relação familiar.

A etiologia da família incestuosa é caracterizada por relações fechadas, confusas, com papéis misturados, em que os filhos assumem responsabilidades variadas, estabelecidas diante do comprometimento e solicitações de seus superiores, misturando representações, sentimentos, confundindo desejos, fantasias e expressando novos tipos de relações com cada personagem familiar.

Para os estudiosos do assunto, como Cromberg (2001) e Forward (1989), o incesto revela nas relações familiares uma fragilidade de laços considerando os conflitos gerados pela experiência e as perturbações consequentes desse tipo de funcionamento, em contrapartida, um investimento considerável em mecanismos de defesa pessoais que auxiliem no contato com a violência, paralelo a concentração de energias mentais e emocionais para evitar a desintegração familiar. Ressalta-se, contudo, que a relação afetivo-sexual incestuosa não gera vínculos frágeis necessariamente, porém é nesta relação que se revela a existência de uma dinâmica familiar problemática, com vínculos distorcidos, frouxos e limites que não estão claros, mas a lealdade se torna um ingrediente importante na manutenção de dos contatos e de suas ações. O equilíbrio terá êxito enquanto os participantes do grupo familiar conseguir dissimular e suportar essa dinâmica (CARVALHO, 2011)

Para que seja possível a continuidade da relação incestuosa são necessárias algumas condições que favoreçam estrutura: o deslocamento do papel de mãe para a filha, tornando-a a responsável pelo desempenho de algumas ou completa função materna; a necessidade de reduzir a angústia de separação com ações que fortaleçam seus vínculos; a não aceitação social de que o pai procure satisfação sexual fora do núcleo familiar, tentando manter a aparência externa de um patriarca estável e competente; medo da desintegração familiar e de abandono, seja da criança, quanto dos próprios genitores; a absorção da transgressão pela família, funcionando

parceiramente como cúmplices da relação incestuosa, dentre outros fatores.

Além da confusão para cada integrante, observa-se contínuas tentativas de organização e acomodação de papéis e funções, mesmo percebendo-a como uma relação pouco benéfica. Esta busca, algumas vezes, resulta em formatos diferenciados, mudanças de postura e atitudes, a fim de compensar o mal estar de tal desequilíbrio.

Segundo Carvalho (2011), independente da forma de persuasão, o uso do poder é ingrediente principal a qualquer situação de abuso. O que poderia ser uma situação fraterna saudável de confiança e solidariedade é meramente um jogo de poder e submissão entre os envolvidos, despertando o prazer para uns, acomodação a outros, mas principalmente, sentimentos de culpa, medo, inferioridade, angústia, desprazer em outros.

Pode-se considerar que a ofensa sexual incestuosa pode acarretar em traumas maiores para crianças e adolescentes vítimas devido à grande decepção em vê-lo praticado por pessoas de seu convívio, que são investidas de confiança e carinho, e a quem esperam proteção, referência e modelos de conduta. Porém, muitas vezes, as relações sexuais não são notadas como tal, mas como expressões de carinho. (CARVALHO, 2011, p.76)

Para Ferenczi (apud CROMBERG, 2001), considerando a família um sistema formado pelas interações de histórias, personalidades e com papéis complementares, a violência sexual incestuosa ocorre não contra uma pessoa única, mas contra indivíduos múltiplos, envolvendo-os em uma relação intensa e marcada por violências. Direta ou indiretamente, os sujeitos estão e sentem-se envolvidos em situações contraditórias, desconfortáveis ou dolorosas que não conseguem, por quaisquer motivos, se desvincular.

Notadamente, a violência, principalmente a violência sexual, é a materialização, na sua forma mais brutal, dos códigos sociais, atribuindo à vítima sua função e lugar de subordinação, a exemplo da sujeição de muitas mães/madrastas em negar para si e para a sociedade a relação incestuosa a qual os filhos passam, intuindo preservar a organização familiar, um casamento ou mesmo o sustento de seus filhos.

Nas relações familiares em que ocorre a ofensa sexual, os prejuízos podem ultrapassar o aspecto social, atingindo a saúde física e psíquica da vítima, como também afetar, ainda mais, toda a dinâmica familiar, os papéis, as responsabilidades e as ações entre si.

Estudos realizados por Baggio (1991) mostram dois aspectos importantes a serem considerados: a proximidade do agressor à vítima na maioria dos casos denunciados, mostrando relações de confiança existentes entre eles, o que pode ser um fator importante no baixo índice de denúncias deste tipo de ocorrência, além das transformações psíquicas decorrentes deste tipo de violência.

Segundo o referido autor, em casos de crianças pequenas, quando submetida à bolinação e à experiência incestuosa, a criança mostra-se com dificuldade de compreender entre o tipo de carícia que sente no vínculo materno e com intenção nitidamente sexual. Conscientemente ou não, muitas vezes a experiência como esta

ultrapassa a capacidade do indivíduo em processar agradavelmente este tipo de carícia, assim como aumenta o incômodo e a suspeita de que há algo inapropriado nisto.

Vivências como estas podem gerar paralisação no desenvolvimento da criança, outras terão o seu desenvolvimento fortemente distorcido em direção a uma psicopatologia qualquer. Alteração na sexualidade é ponto significativo, principalmente no processo de simbolização da criança que vivencia concretamente suas fantasias intrapsíquicas, como observado no trecho a seguir:

É natural a criança ter fantasia, isto é, um enredo intrapsíquico da relação incestuosa; primeiro com a mãe, depois com o pai. Esta fantasia está sancionada pela cultura com o selo da proibição. Diante da presença de uma ausência, fica o traço da coisa, que vai servir como marca, de signo, para a simbolização. Se ao invés da ausência de incesto fantasiado tivermos a presença presente do incesto realizado, está aterrada a fresta por onde se dá a simbolização. (BAGGIO, 1991, p. 117)

Neste sentido, dentro da ordem do Complexo de Édipo discutido pela Psicanálise Freudiana, as fantasias coincidem com a realidade e o psiquismo opera então com puras concretudes. O imaginário é reflexo da realidade e está confirma o imaginário (CARVALHO, 2011, p. 82)

Segundo Nasio (2007), esse é um dos pontos primordiais a ser levantado, pois a proibição do incesto e a vivência edípica estão na constituição das neuroses futuras, como condições de ambivalência afetiva vividas por todos. A revivência deste complexo, comum na adolescência, traz consigo a formação de neuroses e suas variantes, que determinarão os destinos da sexualidade.

Para Freud (1920), o complexo de castração é a forma reveladora e que impulsiona a entrada no Complexo de Édipo. Tal resolução incentivará ou desestimulará a feminilidade da menina, incorporando-a ao ego e na formação do superego, que estruturam e instituem qualidades psíquicas, assim como sua autonomia sexual, atividade e prazer.

A teoria freudiana traz uma visão estrutural sobre a sexualidade feminina em torno do complexo de castração, o qual se inicia o complexo edípico - pensada a partir do modelo masculino - devido a inveja do pênis. Como não é possível tê-lo anatomicamente, deseja-se em encontrar em uma figura que lhe represente, o pai, e lhe traga o seu próprio falo, um filho. Isto é, a sexualidade feminina resulta dessa resolução e de como isto impacta no seu desenvolvimento e nas relações parentais.

Para Freud, em sua obra “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1996, v. 19), a experiência a que passam, seja meninos quanto meninas, permanecem fortemente catexizados no inconsciente e sentirá seus efeitos no seu desenvolvimento sexual.

O distanciamento e posterior retorno à vivência edípica contemplam a ideia de que a menina pertence a um grupo inferior do qual a mãe faz parte e traz assim o sentido a sua posição social. Desta maneira, Freud determina que existem três destinos que se abrem para a sexualidade feminina: a inibição neurótica, a masculinização e a

reversão da libido para o pai com o desejo de receber filhos dele. Esta última configura o que ele chamou de atitude feminina normal.

A construção subjetiva do resultado significação da castração, vivida para a resolução dos conflitos no complexo de Édipo, fará com que as meninas ressingifiquem as saídas na sexualidade. A primeira a saída, leva-as a frigidez e a inibição de seus impulsos libidinais visto que compreende-se em uma condição de inferioridade com os meninos. Este sentimento de inferioridade a faz renunciar seus desejos e atividades fálico-clitoriana.

As segundas e terceiras saídas, apresentam-se como um movimento sexual existente, contudo, com investimentos diferenciados: no complexo de masculinidade, observa-se um investimento a aquilo que representa a masculinidade, sentidamente ameaçada, acreditando na possibilidade de obter um pênis. Em vista a esta dedicação, as relações afetivas-sexuais podem ser investidas em relações homossexuais.

O segundo destino é caracterizado por maior autonomia feminina, em que a mulher exibe uma atitude característica do universo masculino, de desafio, autonomia, onipotência e virilidade. Neste caso, “a mulher substitui a crença de ser castrada e inferior, pela crença oposta” e, “em vez de se julgar castrada, julga-se onipotente; brande o falo, exibe-o com atitude de desafio e acentua os traços masculinos a ponto de se tornar mais viril que o homem”. (NASIO, 2007, p. 99).

Já terceira via, o sujeito encontra a resolução substituindo seu desejo de ter o pênis por outra representação fálica, o desejo da maternidade e de relações afetivas heterossexuais. A terceira variação, a qual consideram próximas à normalidade por ser tipicamente do universo feminino, apresenta-se pela existência de forte angústia, angústia pela ameaça de castração, que repercute no medo de ser abandonada pelo homem amado. O desejo da mulher em ser amada e protegida é tão poderoso que se sente envolvida pelo receio de ser privada do amor de seu companheiro, levantando suspeitas de que este pode deixá-la. (FREUD, 1920; NASIO, 2007)

Deste modo, Freud (1920) descreve as primeiras experiências na constituição do sujeito como forças motivadoras que levam a sua neurose futura, sendo que a sexualidade percorre o mesmo destino. Para as meninas ofendidas sexualmente, público o qual nos detemos neste trabalho, esta vivência concretizada do Complexo de Édipo influenciará na forma como elas interagirão posteriormente.

Tais possibilidades nos fazem repensar na vivência edípica concretizada na infância, como em uma estruturação funcional psicosssexual, desejos e instrumentos que serão desenvolvidos para expor esta sexualidade. E de onde surgem os distúrbios pela primeira vivência edípica? Nasio (2007, p.118) responde com a seguinte observação:

O que aconteceu na pequena infância edípica para que uma neurose se instalasse na fase adulta? Pois bem, deu-se uma derrapagem; sim a criança edípica sofreu por ter sido submergida por um prazer erógeno intenso demais que se apoderou dela. Seu eu, ainda inexperiente, não soube conter a impetuosidade de um desejo enlouquecido e assimilar o prazer transbordante daí resultante.

E complementa:

“Desejo ou prazer?” vocês me perguntarão. Isso é totalmente equivalente, como vimos, sensações, desejos, fantasias e prazer são vividos pela criança como uma única forma e a mesma coisa; somos nós [adultos] que separamos seus elementos. Dito isto, quando o prazer erógeno é excessivo, o eu infantil fica traumatizado.

Ou seja, quando a criança é incapaz de assimilar tal realidade sexual, não só o sofrimento, mas principalmente a possibilidade de ter sentido prazer em tal experiência, sente-se desamparada e condenada a reviver o trauma no decorrer de sua vida, diante da marca inconsciente que foi criada. Esta será a origem de uma futura neurose.

Nas experiências afetivo-sexuais futuras, o indivíduo tem a necessidade ou tende a reviver a mesma sensação e representar a mesma cena traumática com seu parceiro atual, definindo uma compulsão à repetição, característica da neurose.

Ressalta-se que esta repetição ou a continuidade com outras formas de relacionamentos é estratégia para lidar com os desejos, com sua sexualidade e caracterizará as dificuldades relacionais do sujeito. Deste modo, devemos considerar que o significado de vivências e relações interpessoais violentas com os entes, seja física, psicológica e/ou sexual, reflete no desenvolvimento biológico, psicológico, social e sexual dos envolvidos. Relacionamentos parentais incestuosos, principalmente de pais a filhos, mostram-se disfuncionais em sua dinâmica e não cumpridora dos deveres de proteger, educar e socializar. Mostram-se opressores, não resolutivos e adoecedores aos seus filhos.

METODOLOGIA

Para a pesquisa foram levantados bibliográficos, pesquisas, além da realização de entrevistas com cinco adolescentes, entre 12 e 18 anos de idade – considerando a definição do Estatuto da Criança e do Adolescente - e com histórico de violência sexual incestuosa na infância, a fim de buscar informações pertinente as experiências amorosas atuais.

É uma pesquisa qualitativa-descritiva, autorizada pelo Comitê de Ética e pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e que, por meio da entrevista semi-estruturada, buscou-se a compreensão da repercussão do fenômeno violento nas suas vidas e sua conexão com as experiências amorosas e afetivo-sexuais tão comuns nesta época.

RELAÇÕES AMOROSAS DAS ADOLESCENTES

Observou-se que a participação no evento incestuoso afeta subjetivamente o significado das ligações sociais e afetivas posteriores, principalmente os vínculos amorosos, principalmente quando estas jovens, atenuadas muitas vezes quando em situação de abrigo, que pode condicioná-las a reviver o distanciamento afetivo

com a separação de seus familiares, convivendo em ambiente de seguro e acolhedor.

Para alguns autores, o indivíduo traz na sua estrutura o sofrimento psíquico provocado por sentimentos coexistentes de experiências significativas como esta. Isto nos faz pensar no reflexo delas em um dos momentos mais intensos, incertos e que ressoam nos questionamentos comuns na adolescência, como o transbordamento de dúvidas, desejos, dores, sentimentos que se misturam e os afligem. Tal condição de ambivalência instala-se duradouramente, interferindo na formação da identidade e personalidade do sujeito como modelo de todas as atitudes e relações futuras.

Em um momento em que aprimora-se a consciência de si mesmos, descobertas de particularidades e aprimora-se o senso crítico, as adolescentes vítimas de ofensas sexuais, encontram dificuldade de sustentar esse senso crítico, diferenciar experiência passadas e sentimentos por elas trazidos, com as sensações quem descobrem ou que rememoram experiências passadas. Na realidade, elas retornam a um ciclo que a acompanha devido a não resolutividade adequada da sua sexualidade.

Para Freud, o contato com a realidade da castração assinala a entrada no período de resolução sexual edípica feminina que, investe sucessivamente em caminhos para a sua acomodação. No caso de vítimas de violência sexual incestuosa, a vivência concreta de contato deste cunho com ou pai ou a figura que o representa, corresponde a aproximação das fantasias com a realidade. Assim, a experiência incestuosa sai do campo imaginário proibitivo de vivência edípica - que a faz investir em outro objeto de admiração - para a possibilidade de vivência em si, não mais imaginária, que a apodera de forma traumatizante.

Experiências como esta dana de tal maneira que, em sua própria confusão psíquica, dificulta a criação ou manutenção de mecanismos de defesa e ação que resignifiquem e sirvam de força propulsora para mudança de objeto. A adolescente, tende a estar condenada ao desamparo e a não encontrar saídas adequadas às suas fantasias, medos e perspectivas, revivendo a leitura do trauma futuramente.

A vítima do incesto, assim, quando não rememora conscientemente a exposição precoce, deixará uma inscrição inconsciente sobre a sexualidade. Numa leitura psicanalítica, essa concretude de imaginários (agressor e vítima) provoca a confusão e o desamparo, num marco inconsciente de condição relacional, caracterizando, em muitos casos, sentimentos ambivalentes, dúvidas, desvios ou também a compulsão à repetição. Manifestações como insegurança, vergonha e dúvidas do que é e como lidar com a sexualidade também são comuns em suas retóricas.

Ressalta-se que os adolescentes, pela sua própria condição transitória entre a infância e a fase adulta, apresentam dificuldades e fragilidades em relação a certos tipos de tensões decorrentes da nova etapa de socialização, que se inicia a partir do relacionamento com os grupos de amigos. Nesta etapa, muitas vezes, precisam de um referencial de prestígio, de um líder, que pode ser representado pela figura parental significativa (pai ou mãe).

Essas “meninas” buscam racionalizar, explicar seus sentimentos, principalmente

sobre as relações amorosas, mas não conseguem se definir diante de tanta ambivalência. É perceptível quando questionadas sobre seus desejos e fantasias amorosas. Elas buscam respostas socialmente satisfatórias como “sou muito nova”, “preciso estudar e trabalhar”, “não sei” para justificar suas dificuldades sobre o assunto, ou utiliza do silêncio tentar não transparecer a angústia de não saber.

Dos destinos da sexualidade feminina os quais Freud (1920) e Nasio (2007) descreveram, a repulsa sexual, o complexo de masculinidade e a feminilidade normal, estas três possibilidades não são claras durante a entrevista. O que prevalece é um significativo simbólico afastamento de contato com a sua sexualidade, uma nova lei do silêncio que tenta não expressar a angústia que sentem de serem molestadas e abandonadas.

Destaca-se que, apesar da recusa de falar sobre a temática da sexualidade, o que parecia um outro tabu em suas vidas, todas apontavam receio do abandono (repetição), seja pela fantasia de não se considerarem dignas de interesse alheio, ou mesmo, no caso das meninas abrigadas, pelo desproteção que ainda vivenciam.

Segundo Cromberg (2001) e Forward (1989), a Observa-se comum às adolescentes que esta confusão se dá diante da existência da libido e do desejo sexual, planos, fantasias a relacionamentos afetivo-sexuais e do receio, medo de envolverem-se afetivamente com outras pessoas e, mais uma vez, serem traídas ou violentadas. A realidade de um trauma e o desamparo de referências versus a condição da sexualidade humana.

Observa-se também que, para as entrevistadas, o relacionamento afetivo-sexual está associado, muitas vezes, ao ato sexual e este à gestação. Estas possibilidades as deixam inseguras com a expectativa de assumir a maternidade sozinhas e com isso, encontrarem-se, mais uma vez, desamparadas com esta realidade. Repete-se aí a dinâmica familiar incestuosa, em que podemos observar o receio a repetição e as expectativas pessoais e sociais deste envolvimento, medo de como ocorrerá esta relação, assim como a culpa pelos resultados desta escolha.

Nota-se que, no caso de vítimas de incesto, a vivência edípica se tornou concretizada e, muitas vezes, carrega consigo insegurança de saber qual o seu lugar. Quando isso acontece, sai do desejo fantasioso para uma realidade a qual não teve escolha. Esta se mostra implacável, dura demais para lidar e aceitar, o que provoca uma realidade com uma estrutura de valores incomuns, confusos e fora de uma realidade social concebível.

Diante deste tipo de relação influenciará na resolução e no desenvolvimento psicosssexual destas adolescentes. O interesse em relacionamentos afetivo-sexuais está vivo, aparecendo no discurso das entrevistadas, mesmo que o vejam programados para o futuro. Porém, falta a elas referências diferenciadas e a possibilidade de resignificação sobre laços afetivos e que possa contrapor ao que aprenderam. A falta de contato e de desconstrução sobre suas concepções relacionais dificultará a aproximação e a idealização de novos vínculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso das famílias com relações incestuosas, podemos pensar sobre a repercussão de tais vivências na construção da identidade e subjetivação do sujeito. Como estas adolescentes estabelecerão relações afetivas equilibradas, com boas perspectivas e expectativas, se desde cedo presenciaram vínculos confusos, ideias distorcidas e sentimentos dúbios a pessoas de convívio e que são responsáveis por seus cuidados?

Das adolescentes entrevistadas somente uma delas conta com acompanhamento e apoio familiar contínuo, o que lhe oferece uma condição afetiva diferenciada. As outras quatro meninas, no entanto, não contam com essa estrutura de apoio, mas com os cuidados de uma instituição de passagem, que não contempla todas as necessidades, principalmente as afetivas, sociais, de orientação psicosssexual e demandas pessoais, contando somente com acolhimento das necessidades coletivas e de organização local.

De certo, a história com a família inscreve um modo de estabelecer relações. No caso destas meninas, os estatutos afetivos e sentimentais são mal definidos, construindo próximos vínculos frouxos e contraditórios.

Entrar em contato com esta realidade realmente não parece ser agradável, o que se leva a pensar sobre a real justificativa de não quererem contatar com sua sexualidade e suas expectativas afetivo-sexuais. Transpor isso é deixá-las descobertas de suas armaduras, o que automaticamente as deixam ainda mais vulneráveis a ameaças, a situações constrangedoras, a rememoração de medo e risco, remetendo a lembranças e sentimentos anteriores que lhes são desagradáveis e traumáticos.

A relação incestuosa aparece como a concretização do imaginário, uma família que se mostra numa funcionalidade que impede o desenvolvimento adequado do seu filho e não promove um ambiente afetivamente saudável, nem uma sensação de proteção. Assim, estas meninas encontram-se abandonadas com as suas sexualidades, tendo que lidar sozinhas com as expectativas de um relacionamento afetivo violento e abusador, como também da fantasia de outro que represente a salvação. A inibição esconde o desejo de salvação do medo, da rejeição e salvação pelo outro.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M.A. e GUERRA, V.N.A (orgs). **Crianças vítimas da Síndrome do Pequeno Poder**. São Paulo: Iglu, 1989.

BAGGIO, M. A. Abuso Sexual Intrafamiliar. **Reverso – Revista de psicanálise**. Ano XIV. n. 32. Belo Horizonte: Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, 1991.

BESSON, M. **Totemismo**. Trad. Joaquim Gabardo. Sección I. Ciências Filosóficas, n. 26. Barcelona: Editorial Labor S.A., 1931.

CARVALHO, Aline L. de. **Expectativas afetivo-sexuais de adolescentes vítimas de incesto**. 2011.

157p. Dissertação (Mestrado em psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

COHEN, C. **O incesto um desejo**. São Paulo: Casa do Psicólogo Ed, 1993.

CROMBERG, R. U. Cena incestuosa: abuso e violência sexual. In: **Coleção Clínica Psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FORWARD, Susan e BUCK, Craig. **A traição da inocência: o incesto e sua devastação**. Trad. Sérgio Flaksman. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 303-309.

FREUD, S. Totem e tabu (1913 [1912-13]). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 303-309.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia**. Rio de Janeiro: UFF, V. 17, p. 61-77, Jan/Jun. 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares de parentesco**. 5 ed. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. **Totemismo Hoje**. Trad. Malcolm Bruce Corrie. Petrópolis: Vozes, 1975.

NASIO, J. D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

PONTES, A. M. O **Tabu do incesto e os olhares de Freud e Lévi-Strauss**. Disponível no site: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/37.pdf. Acessado em 25 de fevereiro de 2010.

STENGEL, M. **Obsceno é Falar de amor?** As relações afetivas dos adolescentes. Belo Horizonte: Puc Minas, 2003.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-292-0

